

"UM AUTOR ABSOLUTAMENTE FANTÁSTICO QUE ESCRIBE AVENTURAS ASSUSTADORAS,
FRENÉTICAS E INTELIGENTES COM ESTILO E CLASSE." – NEIL GAIMAN

JOE HILL

AUTOR DE A ESTRADA DA NOITE E O PACTO

NOSFERATU



NOSFERATU

“*Nosferatu* é uma homenagem à narrativa tradicional de horror. Assim como em *A estrada da noite* e *O pacto*, Hill cria uma série de personagens tridimensionais, imperfeitos e imprevisíveis.” – *Huffington Post*

“*Nosferatu* é o maior e mais ambicioso trabalho de Hill. Você ficará totalmente absorvido pelo livro.” – *Seattle Times*

“Se você é um leitor impressionável, leia *Nosferatu* durante o dia. Esta obra explora as fronteiras entre o real e o fantástico e você não vai querer que ela vire realidade.” – *Richmond Times-Dispatch*

“Hill cria um elenco de personagens excêntricos e críveis. Uma das características do trabalho do autor que mais saltam aos olhos é seu ouvido para o ritmo da linguagem, para as metáforas criativas e surpreendentes. Suas frases irradiam perspicácia e uma habilidade refinada.” – *Toronto Globe & Mail*

“*Nosferatu* é não só o melhor trabalho de Hill como possivelmente será um dos cinco melhores livros do ano. Uma obra amedrontadora, aflitiva, arrepiante, romântica, encantadora, engraçada e chocante, e nunca haverá nada como ela.” – *Tor.com*

“O leitor não consegue fugir ao encantamento de Hill porque acredita piamente que a história é real, um dom excepcional para um escritor de fantasia/horror. *Nosferatu* é Joe Hill no auge do suspense e do brilhantismo.” – *Fayetteville Flyer*

“Um contador de histórias fantasmagóricas surpreendente e inventivo... Hill está criando seu próprio nicho.” – *Chicago Tribune*

*À minha mãe: eis aqui uma máquina infernal
para a rainha das histórias*

Die Todten reiten schnell.
(Os mortos viajam depressa.)
– “LENORE”, GOTTFRIED BÜRGER

PRÓLOGO:
BOAS FESTAS
DEZEMBRO DE 2008



Presídio Federal de Englewood, Colorado

A ENFERMEIRA THORNTON ENTROU NA UNIDADE DE CUIDADOS PROLONGADOS pouco antes das oito, levando uma bolsa de sangue aquecida para Charlie Manx.

Ela agia de forma automática, sem pensar no trabalho. Finalmente decidira comprar para o filho Josiah o Nintendo DS que ele tanto queria e estava calculando se depois do plantão daria tempo de pegar a loja de brinquedos ainda aberta.

Por motivos filosóficos, passara algumas semanas resistindo àquele impulso. Na verdade, pouco ligava para o fato de que todos os amigos do filho tivessem um DS. Ellen Thornton não gostava desses videogames portáteis que as crianças viviam carregando para cima e para baixo. Os meninos eram absorvidos pelo monitor brilhante e trocavam o mundo real por um recanto da imaginação, onde a diversão substituía o pensamento e inventar mortes criativas passava a ser uma forma de arte. Antigamente, gostava de pensar que o filho adoraria ler, fazer palavras cruzadas e caminhar na neve junto com ela. Até parece.

Havia se contido o quanto pudera, e então, na tarde da véspera, flagrara Josiah sentado na cama fingindo que uma carteira velha era um Nintendo DS, apertando botões imaginários e fazendo barulhos de explosão. O menino tinha recortado uma imagem do Donkey Kong e inserido na divisória de plástico transparente usada para guardar fotos. Ellen sentira um pequeno aperto no coração ao notar que o filho já dava como certo que ganharia o videogame no Grande Dia. Ela podia até ter as suas teorias

sobre o que era ou não saudável para meninos pequenos, mas nem por isso o Papai Noel precisava compartilhá-las.

Como estava preocupada, só percebeu o que havia de diferente em relação a Charlie Manx quando já dava a volta em sua cama para chegar à sonda intravenosa. Nesse exato momento, ele suspirou, como se estivesse entediado; ela baixou os olhos e deparou com o paciente a encará-la. Ficou tão espantada ao vê-lo de olhos abertos que a bolsa de sangue escapuliu de seus dedos e quase caiu em seus pés.

Ele era muito velho, sem falar que era horroroso. Seu imenso crânio calvo era um globo que parecia uma lua alienígena, cheia de continentes marcados por manchas senis e sarcomas da mesma cor de hematomas. Dentre todos os pacientes da unidade de cuidados prolongados – também conhecida como Recanto dos Vegetais –, o mais nefasto era Charlie Manx, que fora abrir os olhos *justamente* naquela época do ano. Manx gostava de criancinhas e sumira com dezenas delas na década de 1990. Tinha uma casa no sopé das montanhas Flatirons, onde fazia o que queria com as vítimas, depois as matava e pendurava enfeites de Natal em homenagem a elas. A imprensa tinha batizado o local de Casa Sino. Blém, blém, blém.

Em geral, quando estava no trabalho, Ellen conseguia desligar a parte materna do cérebro e não pensar no que Charlie Manx decerto tinha feito com as menininhas e menininhos que haviam cruzado o seu caminho e tinham a mesma idade do seu Josiah. Na verdade, tentava não pensar em *nenhum* dos crimes de seus pacientes. O que estava deitado no outro canto do quarto tinha amarrado a namorada e os dois filhos dela, tocara fogo na casa e os deixara lá para morrerem queimados. Fora preso em um bar na mesma rua, tomando um uísque e assistindo a uma partida do White Sox contra os Rangers. Para Ellen, de nada adiantava refletir sobre essas coisas, portanto ela havia se condicionado a pensar nos pacientes como extensões das máquinas e sondas intravenosas às quais estavam conectados: periféricos de carne.

Desde que começara a trabalhar na enfermaria de Englewood, ela nunca tinha visto Charlie Manx de olhos abertos. Fazia três anos que Ellen integrava o quadro de funcionários e, durante todo esse tempo, ele permanecera em coma. Era o mais frágil de todos os seus pacientes, uma fina camada de pele cobrindo os ossos. Seu monitor cardíaco bipava feito um metrônomo ajustado na velocidade mais baixa possível. Segundo o médico, ele tinha tanta atividade cerebral quanto uma lata de creme de milho. Nin-

guém sabia sua idade, mas ele parecia mais velho do que Keith Richards. Era até um pouco parecido com o guitarrista – um Keith careca com a boca cheia de pequenos dentes marrons e afiados.

Havia mais três pacientes em coma naquela enfermaria e os funcionários os chamavam de SDS, “só Deus sabe”. Quem passava tempo suficiente com um SDS acabava aprendendo que cada um tinha as suas pequenas manias. Don Henry, o tal que havia tocado fogo na namorada e nos filhos dela, de vez em quando fazia “caminhadas”. Não se levantava, é claro, mas seus pés se punham a pedalar devagarinho sob as cobertas. Havia um sujeito chamado Leonard Potts que entrara em coma cinco anos antes e que nunca mais sairia desse estado – outro detento tinha enfiado em seu crânio uma chave de fenda que lhe perfurara o cérebro. Às vezes, porém, ele pigarreava e gritava “Eu sei!” como se fosse uma criança pequena querendo responder à pergunta da professora. Talvez abrir os olhos fosse a mania de Manx e simplesmente Ellen nunca o tivesse visto fazer isso.

– Olá, Sr. Manx – disse ela sem pensar. – Como está se sentindo?

Ela abriu um sorriso artificial e hesitou, ainda segurando a bolsa de sangue. Não esperava uma resposta, mas achou que fosse educado dar ao paciente alguns instantes para organizar seus pensamentos inexistentes. Como Manx permaneceu em silêncio, ela estendeu uma das mãos para fechar suas pálpebras.

Manx agarrou seu pulso. Ela gritou – não conseguiu evitar – e deixou cair a bolsa de sangue, que bateu no chão e explodiu em um jorro escarlate, encharcando seus pés com o líquido morno.

– Ai! – gritou ela. – Ai! Ai! Ai, meu Deus do céu!

O cheiro lembrava ferro derretido.

– O seu filho, Josiah... – começou Manx, com uma voz áspera. – Tem um lugar para ele lá na Terra do Natal junto com as outras crianças. Eu poderia dar a ele uma nova vida. Poderia dar a ele um lindo sorriso novo. E lindos dentes novinhos em folha.

Ouvi-lo pronunciar o nome do seu filho foi pior do que sentir a mão de Manx no pulso ou o sangue nos pés. (*Sangue limpo*, pensou ela, *limpo*.) Ouvir aquele assassino e molestador de crianças falar sobre seu filho a deixou tonta, tonta de verdade, como se estivesse dentro de um elevador de vidro subindo depressa em direção ao céu e vendo o mundo se afastar lá embaixo.

– Me solta – sussurrou ela.

– Tem um lugar para Josiah John Thornton lá na Terra do Natal e um lugar para você na Casa do Sono. O Homem da Máscara de Gás saberia direitinho o que fazer com você. Faria você respirar fumaça de pão de mel e ensinaria você a amá-lo. Nós não podemos levar você conosco para a Terra do Natal. Ou melhor, *eu* até poderia, mas o Homem da Máscara de Gás é superior. O Homem da Máscara de Gás é misericordioso.

– Socorro – tentou gritar Ellen, mas saiu apenas um sussurro. – Socorro. – Sua voz tinha sumido.

– Eu vi Josiah lá no Cemitério do Talvez. Josiah deveria andar no Espectro. Na Terra do Natal ele seria feliz para sempre. Lá o mundo não pode estragá-lo, porque lá *não fica* no mundo. Fica dentro da *minha cabeça*. Eles estão todos seguros dentro da minha cabeça. Tenho sonhado com ela, sabe? Com a Terra do Natal. Tenho sonhado com ela, mas ando, ando e não consigo chegar ao fim do túnel. Ouço as crianças cantarem, mas não consigo alcançá-las. Ouço-as gritar por mim, mas o túnel não termina. Eu preciso do Espectro. Preciso do meu brinquedo.

Ele pôs a língua para fora, uma língua marrom, reluzente e obscena, e lambeu os lábios secos. Então, soltou seu pulso.

– Socorro – sussurrou Ellen. – Socorro. Socorro. Socorro.

Teve que repetir a palavra mais uma ou duas vezes antes de a voz sair alta o suficiente para alguém escutar. Então atravessou as portas que davam para o corredor e saiu em disparada, gritando a plenos pulmões e deixando um rastro de pegadas vermelho-vivo.

Dez minutos mais tarde, uma dupla de agentes penitenciários vestidos com roupa de choque tinha amarrado Manx ao leito, só para o caso de ele abrir os olhos e tentar se levantar. Mas o médico que dali a pouco chegou para examiná-lo disse que podiam soltar o detento.

– Esse cara está acamado desde 2001 e tem que ser virado quatro vezes por dia para não ficar com escaras. Mesmo que ele não fosse um SDS, está fraco demais para ir aonde quer que seja. Depois de sete anos de atrofia muscular, duvido que ele consiga se sentar sem ajuda.

Ellen o escutava junto às portas, pois, se Manx tornasse a abrir os olhos, pretendia ser a primeira a sair do quarto. Porém, quando o médico falou aquilo, atravessou o recinto a passos firmes e arregaçou a manga direita para mostrar as marcas no pulso que Manx havia segurado.

– Isto aqui por acaso parece ter sido obra de um cara fraco demais para se sentar? Achei que ele fosse arrancar meu braço.

Ela havia tirado a meia-calça encharcada de sangue e lavado os pés, que ardiam quase tanto quanto o pulso, com água fervente e sabonete antibacteriano até deixá-los esfolados. Agora estava calçando seus tênis e os sapatos tinham ido para o lixo. Mesmo que pudessem ser recuperados, não achava que algum dia fosse conseguir usá-los de novo.

O médico, um jovem indiano chamado Patel, fitou-a com uma expressão sem graça de quem se desculpa e curvou-se para iluminar os olhos de Manx com uma pequena lanterna. As pupilas não se dilataram. Patel moveu a luzinha de um lado para outro, mas os olhos de Manx permaneceram fixos em um ponto logo atrás de sua orelha esquerda. O médico bateu as mãos a dois centímetros do nariz de Manx, que não piscou. Então, Patel fechou seus olhos com delicadeza e examinou o resultado do eletrocardiograma que estava em curso.

– Aqui não tem nada de diferente das últimas dezenas de eletros que fizemos – afirmou. – O paciente está no grau nove da escala de Glasgow e apresenta uma atividade lenta de ondas alfa condizente com um coma alfa. Acho que ele só falou dormindo, enfermeira. Acontece até com esse tipo de SDS.

– Ele estava com os olhos *abertos* – replicou Ellen. – Ele olhou para mim. Sabia o meu nome. Sabia o nome do meu filho.

– A senhora já conversou com outra enfermeira perto dele? Não há como saber o que o cara pode ter pescado inconscientemente. Basta a senhora ter dito: “Ah, sabia que o meu filho ganhou o concurso de soletrar?” Manx escutou e regurgitou essa informação no meio do sono.

Ellen aquiesceu, ainda que pensasse *Ele sabia o segundo nome do Josiah*. Tinha certeza de que nunca mencionara isso a qualquer pessoa ali no hospital. “Tem um lugar para Josiah John Thornton lá na Terra do Natal”, dissera Charlie Manx, “e um lugar para você na Casa do Sono”.

– Eu não cheguei a aplicar o sangue – avisou Ellen. – Ele está anêmico há algumas semanas: pegou uma infecção urinária por causa do cateter. Vou buscar outra bolsa.

– Pode deixar que eu aplico o sangue neste vampiro velho. A senhora levou um susto e tanto. Esqueça tudo isso. Vá para casa. Falta o quê, uma hora do seu plantão? Pode ir embora mais cedo. Tire folga amanhã

também. Não tem umas comprinhas de última hora para fazer? Então, pare de pensar no que aconteceu e relaxe. É Natal, enfermeira Thornton. – O médico deu uma piscadela. – A senhora não sabe que esta é a época mais maravilhosa do ano?

O ATALHO
1986 – 1989



Haverhill, Massachusetts

A PIRRALHA TINHA 8 ANOS NA PRIMEIRA VEZ QUE ATRAVESSOU A PONTE coberta que ligava os Perdidos aos Achados.

Foi assim que aconteceu: eles tinham acabado de voltar do Lago e a Pirralha estava com um dos pés apoiado na cabeceira de sua cama pregando na parede, com fita durex marrom, um pôster do David Hasselhoff em *A Supermáquina*: jaqueta de couro preta, aquele sorriso que fazia as covinhas aparecerem, em pé de braços cruzados em frente ao seu carro inteligente K.I.T.T. Foi quando ouviu um lamento vindo lá do quarto dos pais.

A Pirralha ficou parada, segurando o pôster com o peito, e inclinou a cabeça para escutar; não estava alarmada, apenas se perguntava com o que a mãe estaria chateada dessa vez. Ela parecia ter perdido alguma coisa.

– ... estava com ela, eu sei que estava! – gritava, exaltada.

– Você não acha que pode tê-la tirado perto da água? Antes de entrar no lago? – perguntou Chris McQueen. – Ontem à tarde?

– Já disse que não nadei.

– Mas vai ver você tirou na hora de passar protetor.

Eles continuaram a conversa nessa linha e a Pirralha decidiu que por hora não precisava prestar atenção. Aos 8 anos, a Pirralha – chamada de Victoria pela professora do segundo ano fundamental e de Vicki pela mãe, mas que para o pai e para si mesma seria sempre a Pirralha – já havia aprendido a não ficar alarmada com as explosões da mãe. Os acessos de riso e os gritos exagerados de decepção de Linda McQueen eram a trilha sonora do cotidiano da Pirralha, e só às vezes valia a pena se importar.

Ela alisou o pôster na parede, terminou de pregá-lo e desceu da cama para admirar o resultado. David Hasselhoff era um gato. Com a testa franzida, tentava decidir se o pôster estava torto, quando ouviu uma porta bater e outro grito angustiado soar, de novo a mãe, seguido pela voz do pai:

– Ah, eu sabia que era aí que a gente ia chegar. Acertei na mosca.

– Eu perguntei se você tinha olhado no banheiro e você disse que sim. Disse que tinha olhado *tudo*. Olhou no banheiro ou não?

– Não sei. Não. Acho que não. Mas não importa, Linda, porque não foi no banheiro que você deixou. E sabe *por que* eu sei isso? Porque você deixou na *praia* ontem. Você e Regina Roeson ficaram tomando sol e uma porção de margaritas e você relaxou tanto que meio que esqueceu que tinha filha e pegou no sono. E quando acordou e percebeu que iria chegar uma hora atrasada para buscar a menina na colônia de férias...

– Eu *não cheguei* uma hora atrasada.

– ... você saiu desabalada. Esqueceu o protetor solar, esqueceu a toalha e a pulseira também, e agora...

– Eu não fiquei bêbada, se é isso que você está sugerindo. Eu não dirigi o carro bêbada com a nossa filha, Chris. Essa é a sua especialidade...

– ... e agora está fazendo o que sempre faz e dizendo que é culpa de outra pessoa.

A Pirralha mal percebeu que estava se movendo quando adentrou a penumbra do hall e seguiu em direção ao quarto dos pais. Aberta uns 15 centímetros, a porta deixava entrever um pedaço da cama de casal e a mala em cima. Roupas haviam sido tiradas dos armários e estavam espalhadas pelo chão. Em um surto, a mãe com certeza tinha começado a tirar coisas do armário, jogando-as para todos os lados à procura da tal pulseira: uma argola de ouro com uma borboleta feita de reluzentes safiras azuis e pequenos diamantes.

Como sua mãe estava andando de um lado para outro, a cada poucos segundos passava pela nesga de quarto que a Pirralha conseguia ver.

– Isso não tem nada a ver com o que aconteceu ontem. Eu já disse que não perdi a pulseira na praia. *Eu não perdi*. Ela estava ao lado da pia hoje de manhã, junto com meus brincos. Se a pulseira não estiver na recepção, então uma das arrumadeiras pegou. É isso que elas fazem, é assim que incrementam o salário. Elas pegam tudo o que os veranistas esquecem no hotel.

Chris McQueen passou alguns segundos em silêncio e depois falou:

– Meu Deus. Porra, como você é monstruosa. E eu tive uma filha com você.

A Pirralha retraiu o corpo e sentiu uma ardência nos olhos. Cravou automaticamente os dentes nos lábios, bem fundo, até produzir uma pontada aguda de dor que não deixou as lágrimas brotarem.

Sua mãe não demonstrou o mesmo autocontrole e caiu em prantos. Tornou a aparecer no campo de visão da filha, uma das mãos cobrindo o rosto e os ombros convulsionados. Sem querer que os pais a vissem, a Pirralha recuou de volta para o hall.

Seguiu andando, passou por seu quarto, desceu o corredor e saiu pela porta da frente. Ficar dentro de casa de repente lhe pareceu intolerável. O ar lá dentro estava rançoso. O ar-condicionado passara uma semana desligado. Todas as plantas tinham morrido e cheiravam mal.

Ela só soube para onde estava indo quando chegou lá, embora desde o instante em que ouvira o pai dizer o pior – *Porra, como você é monstruosa* –, seu destino fosse inevitável. Entrou pela porta lateral da garagem e pegou a bicicleta.

A Tuff Burner da Raleigh tinha sido seu presente de aniversário em maio e seria o melhor presente de todos os tempos. Mesmo quando ela tivesse 30 anos, se o seu filho lhe perguntasse qual era a coisa mais legal que ela já ganhara na vida, ela pensaria na hora na Tuff Burner azul-fluorescente com aros amarelo-banana e pneus grossos. A bicicleta era o seu objeto preferido, melhor do que a sua Bola Mágica, do que os seus adesivos do KISS e até do que o seu videogame ColecoVision.

Três semanas antes do aniversário, durante um passeio com o pai, ela vira a bicicleta na vitrine de uma loja no centro da cidade e soltara um longo *ooohhh*. O pai, achando graça, entrou na loja com ela e convenceu o vendedor a deixá-la dar uma voltinha pelo showroom. O homem lhe aconselhara enfaticamente a olhar outras bicicletas, pois achava a Tuff Burner grande demais para a menina, mesmo com o selim na posição mais baixa. A Pirralha não sabia do que aquele cara estava falando. Para ela, foi como mágica, como voar em uma vassoura e rasgar sem esforço a escuridão do Halloween, a mais de 300 metros do chão. Seu pai, contudo, tinha fingido concordar com o vendedor e dito a Vic que ela poderia ter uma bicicleta daquelas quando fosse mais velha.

Três semanas mais tarde, a Raleigh apareceu em frente à sua casa com um grande laço de fita prateado no guidom.

– Você agora está mais velha, né? – falara o pai com uma piscadela.

Vic entrou na garagem, onde a sua bicicleta estava apoiada na parede à esquerda da moto do pai, uma Harley-Davidson 1979 com motor *shovel-head* que ele ainda usava no verão para ir trabalhar. Seu pai fazia parte de uma equipe que trabalhava em estradas destruindo rochas com explosivos de alta potência, em geral a mistura de nitrato de amônio com óleo diesel conhecida como ANFO, mas às vezes TNT mesmo. Certa vez, ele dissera a Vic que era preciso ser inteligente para imaginar um jeito de ganhar dinheiro com os próprios maus hábitos. Como ela não entendera, ele havia explicado que a maioria dos caras que gostavam de detonar bombas acabavam despedaçados ou presos. Já ele ganhava 60 mil por ano e poderia receber mais ainda caso sofresse um acidente. Seu seguro era incrível: só o seu dedo mindinho valia 20 mil se fosse perdido. Sua moto tinha um desenho de uma loura exageradamente sexy usando um biquíni com a estampa da bandeira americana, montada em uma bomba diante de labaredas. Chris McQueen era sinistro. Outros pais construíam coisas; o seu explodia e ia embora de Harley fumando o cigarro que havia usado para acender o pavio. Inigualável.

A Pirralha tinha autorização para andar com a Raleigh pelas trilhas do bosque de Pittman Street, nome extraoficial de um trecho de 12 hectares de pinheiros e bétulas situado logo depois do quintal dos fundos de sua casa. Ela podia ir até o rio Merrimack e a ponte coberta, mas então era obrigada a voltar.

O bosque continuava para lá da ponte coberta – também conhecida como Ponte do Atalho –, mas Vic tinha sido proibida de atravessá-la. O Atalho tinha 70 anos de idade e quase 100 metros de extensão e estava começando a ceder no meio. As paredes pendiam na direção da correnteza do rio, parecendo que iriam desmoronar se batesse um vento forte. Um alambrado impedia a entrada, embora jovens levantassem a grade em um dos cantos e entrassem para fumar baseados e transar. A placa de latão na cerca dizia LOCAL DECLARADO INSEGURO PELO DPTO. DE POLÍCIA DE HAVERHILL. Era um lugar para delinquentes, para os párias e perturbados.

Apesar das ameaças do pai e da placa, Vic já tinha entrado lá, é claro (sem comentários quanto à categoria na qual se encaixava), pois desafiara

a si mesma a passar por baixo do alambrado e dar dez passos. A Pirralha nunca fora capaz de ignorar um desafio, ainda que feito por ela própria. *Sobretudo* os desafios feitos por ela própria.

Lá dentro estava muito mais frio e as frestas entre as tábuas do piso davam para uma queda de 30 metros em direção à água agitada pelo vento. Buracos no telhado de papel alcatroado deixavam entrar fachos de luz dourada tremeluzentes de poeira. Morcegos davam pios agudos no escuro.

A respiração de Vic se acelerou quando ela se deu conta de que estava entrando num túnel comprido e escuro que passava por cima não só de um rio, mas da própria morte. Aos 8 anos, ela se achava mais rápida do que qualquer outra coisa, inclusive o desabamento de uma ponte. Mas acreditou nisso um pouco menos ao dar passinhos bem miúdos pelas tábuas velhas e gastas que rangiam. Conseguira dar não só dez passos, mas *vinte*. Ao primeiro estalo forte, porém, tinha amarelado, voltado aos tropeços e tornado a sair por baixo do alambrado com a sensação de estar quase sufocada com o próprio coração.

Nesse dia, ela atravessou o quintal com a bicicleta e, no instante seguinte, já estava descendo a encosta em disparada para dentro do bosque, por cima de raízes e pedras. Foi se afastando de casa e entrou direto em uma das aventuras de *A Supermáquina* que eram a sua marca registrada.

Estava a bordo do K.I.T.T. e eles avançavam depressa e sem dificuldade sob as árvores enquanto o dia de verão ganhava o tom amarelado do crepúsculo. Sua missão era recuperar um microchip que continha a localização secreta de todos os silos de mísseis americanos e estava escondido na pulseira de sua mãe: astutamente disfarçado de diamante, fazia parte da borboleta cravejada. Mercenários tinham roubado a joia e planejavam leiloar a informação para quem pagasse mais: o Irã, a Rússia, talvez o Canadá. Vic e Michael Knight se aproximavam de seu esconderijo perto de uma estrada secundária. Ele queria que Vic lhe promettesse não correr riscos desnecessários, não ser uma menina boba, e ela soltou um muxoxo e revirou os olhos, mas ambos sabiam que, devido às exigências da trama, em algum momento Vic teria de agir como uma menina boba, pôr suas vidas em perigo e forçá-los a realizar manobras desesperadas para fugir dos vilões.

Só que a narrativa não era satisfatória. Para começo de conversa, ela obviamente *não* estava a bordo de um carro, mas em uma bicicleta, passando por cima de raízes e pedalando depressa o bastante para evitar os

mosquitos. Além do mais, não podia relaxar e sonhar acordada como em geral fazia. *Meu Deus. Porra, como você é monstruosa* não lhe saía da cabeça. Um súbito pensamento revirou seu estômago: quando ela chegasse em casa, seu pai não estaria mais lá. A Pirralha baixou a cabeça e começou a pedalar mais depressa; era o único jeito de deixar para trás uma ideia tão terrível.

Seu pensamento seguinte foi que estava montada não na Tuff Burner, mas na Harley-Davidson do pai. Tinha os braços ao redor de Chris e usava o capacete que ele comprara para ela, o preto que cobria sua cabeça inteira e lhe dava a impressão de estar usando um pedaço do uniforme de um astronauta. Os dois estavam voltando ao lago Winnepesaukee para buscar a pulseira da mãe; iriam lhe fazer uma surpresa. Sua mãe iria gritar ao ver o pai segurando a joia e ele iria rir, passar o braço em volta da cintura de Linda McQueen e beijar seu rosto e os dois não ficariam mais bravos um com o outro.

A Pirralha foi deslizando pela claridade bruxuleante sob os galhos que pendiam das árvores. Estava perto o suficiente da Rodovia 495 para ouvir seus ruídos: o rugido áspero de uma carreta diminuindo a marcha, o zunzum dos carros e, sim, o estrondo alto de uma moto seguindo para o sul.

Bastou fechar os olhos para ela também estar na rodovia, viajando depressa, saboreando a sensação de leveza quando a moto se inclinava nas curvas. Não reparou que, na sua mente, ela agora estava sozinha: uma menina mais velha, com idade suficiente para girar ela própria o acelerador.

Ela faria os pais calarem a boca. Pegaria a pulseira, voltaria para casa e a jogaria na cama entre os dois, depois sairia sem dizer nada. Eles que ficassem encarando um ao outro, constrangidos. Mas o que mais tomava sua imaginação era a moto, o mergulho de cabeça na estrada enquanto os últimos resquícios de luz do dia sumiam do céu.

Saiu da penumbra perfumada por abetos para a larga estrada de terra batida que conduzia à ponte. O Atalho, como chamavam os moradores, assim mesmo, com maiúscula.

Ao chegar perto da ponte, viu que o alambrado estava fora do lugar. O arame tinha sido arrancado das colunas e fora jogado no chão. A entrada – com largura suficiente para que passasse um carro só – estava coberta por emaranhados de hera que oscilavam suavemente ao vento que subia do rio lá embaixo. O interior era um túnel retangular que se estendia até um quadrado de luminosidade inacreditável, como se o outro lado desse para um vale de trigo dourado, ou talvez de ouro mesmo.

Ela diminuiu o ritmo, mas só por alguns instantes. Estava hipnotizada pelo ato de pedalar, tinha acelerado até bem longe na própria mente e, quando decidiu seguir em frente, passar por cima do arame e adentrar o breu, não hesitou. Parar agora seria uma covardia que ela não podia se permitir. Além disso, tinha fé na velocidade. Se as tábuas comesçassem a se partir debaixo dela, simplesmente avançaria e deixaria para trás a madeira podre. Se houvesse alguém lá dentro – algum marginal que quisesse agarrar uma garotinha –, ela passaria antes de a pessoa conseguir se mexer.

Pensar na madeira putrefata ou em um mendigo encheu seu peito com um delicioso terror, fazendo-a ficar em pé nos pedais e girá-los com mais força ainda. Pensou também, com uma satisfação tranquila, que se a ponte de fato desabasse para dentro do rio dez andares abaixo e ela fosse soterrada pelo entulho, seria tudo culpa dos pais por terem brigado e a feito sair de casa e *aí, sim*, eles iriam aprender. Sentiriam uma saudade horrível da filha, ficariam arrasados pela dor e pela culpa e era exatamente isso que os dois mereciam.

Os pneus bateram no alambrado e a fizeram chacoalhar. Ela mergulhou em uma escuridão subterrânea que recendia a morcegos e podridão.

Viu algo escrito com spray verde na parede à sua esquerda. Não parou para ler, mas achou que fosse TERRY'S, o que era engraçado, pois eles tinham almoçado em uma lanchonete chamada Terry's, Terry's Sanduíches, em Hampton, que ficava lá em New Hampshire, perto do mar. Geralmente paravam lá na volta do Lago, pois era a meio caminho de Haverhill.

O som era diferente dentro da ponte coberta. Vic escutou o rio 30 metros abaixo, mas o barulho lhe pareceu menos água corrente e mais uma explosão de chiados, feito estática no rádio. Não olhou para baixo; teve medo de ver o rio entre as frestas ocasionais das tábuas do piso. Nem olhou para os lados, fitando o outro lado da ponte.

Ao atravessar um dos lençóis diáfanos de claridade, sentiu algo no olho esquerdo, uma espécie de latejar distante. O piso transmitia uma desagradável sensação de estar *cedendo*. Ela agora tinha apenas um pensamento, composto por duas palavras, *quase lá, quase lá*, repetidas no mesmo compasso em que movia os pés.

O quadrado de luz do outro lado se expandiu e se intensificou. Conforme ela foi chegando mais perto, tomou consciência de um calor quase brutal que emanava da saída. Sentiu um cheiro inexplicável de loção bron-

zeadora e anéis de cebola fritos. Não lhe passou pela cabeça se perguntar por que não havia alambrado ali também.

Vic McQueen, também conhecida como Pirralha, inspirou fundo e emergiu do Atalho para a luz do dia, os pneus da bicicleta batendo no asfalto ao deixar a madeira. O silvo e o rugido da estática cessaram abruptamente, como se ela de fato estivesse ouvindo um chiado no rádio e alguém acionasse o botão para desligá-lo.

Ainda deslizou mais uns 5 metros, até que viu onde estava. Seu coração saltou no peito antes de suas mãos conseguirem acionar o freio. Ela parou tão de repente, com tanta força, que o pneu traseiro derrapou, levantando poeira.

Tinha emergido em um beco asfaltado atrás de um prédio de um andar só. Uma caçamba e uma série de latas de lixo estavam encostadas na parede de tijolos à sua esquerda. Uma das extremidades do beco era fechada por uma cerca alta de tábuas e, do outro lado, havia uma rua. Vic pôde ouvir o tráfego e escutou o trecho de uma canção vindo de um dos carros: *Abra-abra-cadabra... I wanna reach out and grab ya...*

Bastou uma olhada para ela saber que estava no lugar errado. Já estivera no Atalho muitas vezes e sabia perfeitamente o que havia no outro lado do Merrimack: um morro coberto de árvores, verde, fresco, tranquilo. Nada de ruas, lojas ou becos. Virou a cabeça e quase deu um grito.

O Atalho preenchia a entrada do beco atrás dela. Estava enfiada bem dentro do beco, entre o prédio de tijolos de um andar e outro de cinco andares feito de concreto caiado e vidro.

A ponte não cruzava mais o rio, mas estava encaixada em um espaço que mal podia contê-la. Vic sentiu um violento calafrio ao ver aquilo. Quando olhou para dentro da escuridão, pôde avistar ao longe as sombras pintadas de verde-esmeralda do bosque de Pittman Street.

Desceu da bicicleta. Suas pernas tremiam com espasmos nervosos. Ela empurrou a Raleigh e a encostou na lateral da caçamba; descobriu que lhe faltava coragem para refletir sobre o que significava aquilo tudo.

O beco fedia a comida frita rançosa por causa do sol. Vic queria ar fresco. Passou por uma porta de tela que dava para uma cozinha barulhenta e quente e para a cerca alta de tábua. Destrancou a porta lateral e saiu para uma faixa estreita de calçada que conhecia muito bem, pois havia pisado nela poucas horas antes.

Quando olhou para a esquerda, viu um longo trecho de praia e, mais adiante, o mar, cujas altas ondas verdes cintilavam sob o sol com uma intensidade que feria os olhos. Meninos de sunga jogavam *frisbee*, davam saltos acrobáticos para pegá-lo e depois caíam nas dunas. Carros estavam presos no trânsito do bulevar à beira-mar. Com as pernas bambas, ela dobrou a esquina e deparou com o balcão que dava para a rua do...

Terry's Sanduíches Hampton Beach, New Hampshire

VIC PASSOU POR UMA FILEIRA DE MOTOS ESTACIONADAS EM FRENTE À LANCHONETE, que cintilavam cromadas sob o sol vespertino. No balcão dos pedidos, uma fila de meninas de biquíni e shorts bem curtos gargalhavam. Vic detestava ouvir aquelas meninas; era como vidro se estilhaçando. Entrou na loja e uma sineta de latão retiniu na porta.

As janelas estavam abertas e meia dúzia de ventiladores de mesa ligados atrás do balcão sopravam ar em direção às mesas, mas ainda assim fazia calor lá dentro. Compridas tiras de papel pega-moscas penduradas no teto ondulavam ao vento, os insetos grudados lutavam e morriam bem acima das pessoas que enfiavam hambúrgueres goela abaixo. Não tinha reparado nesse detalhe desagradável mais cedo, quando almoçara ali com os pais.

Sentia-se meio mareada, como se estivesse andando de um lado para outro de barriga cheia em pleno calor de agosto. Atrás da caixa registradora postava-se um homem grandalhão vestido com uma camiseta branca sem mangas. Tinha os ombros peludos e vermelhos por causa do sol, seu nariz exibía uma risca de pomada e um crachá de plástico branco na camiseta informava o nome PETE. Ele havia passado a tarde inteira ali. Duas horas antes, Chris McQueen tinha pagado por suas cestas de hambúrgueres e milk-shakes e trocara algumas palavras com o homem sobre o Red Sox, que atravessava uma boa fase; 1986 parecia ser o ano em que o time finalmente sairia do buraco. Clemens estava arrasando. Apesar de faltar mais de

um mês de campeonato, não havia dúvida de que o garoto seria consagrado como o melhor lançador.

Vic se virou na direção de Pete, sem a menor ideia do que dizer. Ficou parada na sua frente, piscando os olhos. Um ventilador zumbia atrás dele, capturava seu cheiro úmido e o soprava na cara da Pirralha. Não, ela com certeza não estava se sentindo muito bem.

Tomada por uma estranha sensação de não saber o que fazer, sentiu vontade de chorar. Ali estava ela, em New Hampshire, um lugar ao qual não pertencia. A Ponte do Atalho estava presa no beco lá atrás e, de alguma forma, isso era culpa sua. Seus pais estavam brigando e não faziam ideia do quão longe ela tinha ido. Ela precisava ligar para casa. Precisava ligar para a polícia. Alguém precisava ir olhar a ponte no beco. Sua mente era um turbilhão nauseante de pensamentos. O interior de sua cabeça era um lugar sombrio, um túnel escuro cheio de ruídos perturbadores e morcegos voando.

Mas o grandalhão lhe poupou o trabalho de decidir por onde começar. Franzindo a testa, ele falou:

– Olha *ela aí*. Estava pensando se algum dia iria ver você novo. Voltou para buscar, não foi?

Vic o encarou sem entender.

– Buscar?

– A pulseira. A da borboleta.

Ele girou uma chave e a gaveta da caixa registradora se abriu com um retinir barulhento. A pulseira de sua mãe estava guardada lá no fundo.

Quando Vic viu a joia, outro débil tremor varou suas pernas e ela deixou escapar um suspiro entrecortado. Pela primeira vez desde que saíra do Atalho e, surpreendentemente, fora parar em Hampton Beach, sentiu algo próximo da compreensão.

Na sua imaginação, ela saíra em busca da pulseira da mãe e, de alguma forma, a encontrara. Na realidade, nunca tinha saído de casa com a bicicleta. Seus pais provavelmente nem tinham brigado. Só havia uma explicação possível para uma ponte enfiada dentro de um beco: ela chegara em casa, queimada de sol, exausta e com a barriga cheia de milk-shake, desabara na cama e agora estava sonhando. Assim, pensou que a melhor coisa a fazer seria pegar a pulseira e voltar pela ponte, e depois disso talvez fosse acordar.

Sentiu um latejar atrás do olho esquerdo; uma dor de cabeça começava a surgir ali, e das grandes. Não se lembrava de algum dia já ter levado uma dor de cabeça para dentro de um sonho.

– Obrigada – agradeceu a Pirralha quando Pete lhe entregou a pulseira por cima do balcão. – Minha mãe estava superpreocupada com essa pulseira. Ela é muito valiosa.

– Superpreocupada, é? – Pete enfiou um mindinho na orelha e o girou para um lado e para o outro. – Deve ter muito valor sentimental, imagino.

– Não. Quero dizer, *sim*, tem. Era da avó dela, minha bisavó. Mas a pulseira também vale muito dinheiro.

– Aham.

– É uma *antiguidade* – disse a Pirralha, sem entender muito bem aquela necessidade toda de convencê-lo do valor da joia.

– Só é uma antiguidade quando vale algum dinheiro. Se não vale nada, é só uma quinquilharia velha.

– Ela é de *diamante*. Diamante e ouro.

Pete riu, uma risada curta, cáustica, semelhante a um latido.

– É, *sim* – insistiu Vic.

– Que nada – replicou Pete. – Isso daí é bijuteria. Está vendo estes trequinhos aqui que parecem diamantes? São zircônio. E aqui dentro do aro, onde está ficando prateado? Ouro não descasca. O que é bom continua bom para sempre, por mais maltratado que seja. – Ele franziu a testa com uma expressão inesperada de empatia. – Você está bem? Não parece muito disposta.

– Estou. Peguei sol demais. – Isso lhe pareceu uma resposta muito adulta.

Só que ela não estava nada bem. Estava tonta e suas pernas tremiam sem parar. Queria sair dali e ficar longe do cheiro que misturava o suor de Pete, anéis de cebola frita e óleo borbulhante. Queria que aquele sonho acabasse.

– Tem certeza de que não quer alguma coisa gelada para beber? – perguntou Pete.

– Obrigada, mas eu tomei um milk-shake no almoço aqui.

– Se você tomou um milk-shake, aqui é que não foi. Talvez tenha sido no McDonald's. Aqui nós fazemos frapês.

– Tenho que ir – disse ela, virando-se e começando a andar em direção à porta.

Teve consciência do olhar de preocupação genuína de Pete e sentiu-se grata a ele por sua empatia. Pensou que, apesar do fedor e dos modos bruscos, ele era um homem bom, o tipo que se preocupava com uma menina com ar doente perambulando sozinha por Hampton Beach. Mas não se atreveu a lhe dizer mais nada. O suor frio umedecia suas têmporas e seu lábio superior e foi preciso muita concentração para conter os tremores nas pernas. O olho esquerdo tornou a latejar, dessa vez um pouco mais forte. Sua convicção de que estava apenas imaginando aquilo tudo, de que percorria um sonho particularmente vívido, era difícil de manter, como se ela tentasse segurar um sapo escorregadio.

Vic saiu para a rua outra vez e andou às pressas pela calçada quente de concreto, passando pelas motos estacionadas. Abriu a porta na cerca alta de tábuas e entrou no beco atrás do Terry's Sanduíches.

A ponte não saía do lugar. Tinha as paredes externas imprensadas contra os prédios de um lado e de outro. Olhá-la de frente doía. Doía em seu olho esquerdo.

Um funcionário da cozinha – cozinheiro ou lavador de pratos – estava em pé no beco junto à caçamba, usando um avental sujo de gordura e sangue. Qualquer um que visse aquele avental decerto desistiria de almoçar no Terry's. Era um homem baixo, com o rosto coberto de pelos ásperos e os antebraços cheios de veias e tatuagens, e olhava para a ponte com uma expressão entre a indignação e o temor.

– Mas que *porra* é essa? – indagou. Olhou para Vic com um ar confuso.
– Está vendo *isso*, menina? Sério... que *porra* é essa?

– É a minha ponte. Não precisa se preocupar. Vou levar embora comigo
– respondeu Vic. Nem ela mesma sabia o que isso queria dizer.

Segurou a bicicleta pelo guidom, virou-a e a empurrou em direção à ponte. Correu dois passos ao lado da bicicleta, então saltou para cima dela.

O pneu dianteiro bateu nas tábuas e ela mergulhou na escuridão sibilante.

O barulho, aquele zumbido imbecil de estática, tornou a soar enquanto atravessava a ponte. No meio do caminho, ela pensou ter ouvido o rio lá embaixo, mas se enganou. As paredes tinham compridas rachaduras e pela primeira vez ela as olhou. Por elas, viu um brilho branco tremeluzente, como se o maior televisor do mundo estivesse do outro lado da parede, travado em um canal que não transmitia nada. Uma tempestade atingia

a ponte torta e decrépita, uma nevasca de luz. Vic sentiu a construção se sacudir bem de leve à medida que a chuva fustigava as paredes.

Sem querer ver mais nada, fechou os olhos, ficou em pé sobre os pedais e acelerou até o outro lado. Tentou entoar uma espécie de prece cantada – *quase lá, quase lá* –, mas estava ofegante e enjoada demais para manter um pensamento por muito tempo. Tudo que havia era sua própria respiração e aquela estática alta e furiosa, aquela cascata interminável de som cujo volume aumentou até uma intensidade enlouquecedora e depois aumentou mais um pouco até ela querer gritar *chega*, a palavra subiu até a ponta da sua língua, *chega, para com isso*, seus pulmões se inflaram para gritar, e foi então que, com um tranco, a bicicleta voltou para...